

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO— ANNO 50 (NUMEROS) 18000 RS., SEMESTRE  
(25 NUMEROS) 500 RS.  
FORA D'AVEIRO ANNO (5) NUMEROS) 18125 RS., SEMESTRE  
(25 NUMEROS) 570 RS.  
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 25000 RS.

## PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

## PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANNUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

## AVEIRO

### DEPOIS DO REGABOFE

Passaram as festanças e passaram pouco mais ou menos como nós as tínhamos esperado. O protesto violento e allisonante, a insurreição tumultuosa recomendada por um papelucho que se dizia republicano, mas que era incontestavelmente dos agentes monarchistas do sr. Barjona de Freitas, que se fingem em tamanha hostilidade á realeza para vêr se a coagem á larga retribuição a que aspiram, teria todos os inconvenientes para a causa democratica na localidade e no geral, que na situação em que se encontra requer a maior das providencias e cuidados. Ninguém, melhor que os directores d'este jornal com os seus amigos dedicados que *valem alguma coisa*, poderia arranjar uma manifestação hostil á realeza, que cobrisse as tristes manifestações dos agentes monarchistas, e sem precisarem de recorrer a incitamentos de pasquins. Mas nunca tal conducta esteve nem estará nos nossos hábitos, salvo no momento revolucionario. Se um dia sahirmos para a rua, sahiremos a valer. Assim o declaramos uma vez a Mendes Leite, quando procurava em sua casa um dos nossos directores em occasião do rei parar na gare e assim o fizemos constar ha pouco mais d'um mez a um dos corypheus governamentais quando indirectamente nos sondava a tal respeito. Pois que conste de hoje para sempre, já que não temos por costume occultar systemas de conducta nem modos de pensar, e não seremos mais importunados.

As arruaças são contraproducentes por qualquer lado que se encarem. Primeiro, porque a propaganda republicana ainda está tão difficil nas provincias que para calar, ou, e seremos mais exactos, para ser admitida, é preciso que tenha o cunho da seriedade e da justiça e que seja impulsionada e dirigida por quem possua auctoridade intellectual e auctoridade moral. E porque isso não succede no geral, porque a direcção do partido republicano está nas mãos d'uns insignificantes, e ao mesmo tempo ambiciosos e sem convicções, porque a imprensa que os segue é na sua grande maioria o que ha de mais ignorante e menos serio, um *Seculo* d'um Alves Correia ou d'um Silveira e uma *Folha do Povo* de um Cecilio, é que a ideia democratica, que está, aliaz, no coração d'uma grande parte do paiz, não cresce em força pratica e em numero d'adeptos, antes se desalenta e esterilisa dia a dia.

Segundo, porque as manifestações das ruas tem sido tão pouco sinceras entre nós, que, por maior sinceridade que possam ter, são tomadas sempre á conta de manejos torpes e illiçitos.

Terceiro, porque um partido

que não tem programma, que não tem por consequencia principios conhecidos, que ninguém sabe a que resume nem a que eleva as suas aspirações economicas-politico-sociaes, dá o flanco a todos os ataques e censuras quando limita os seus meios de combate a chamar ladrão ao rei e devassos aos Braganças, principalmente quando as devassidões e immoralidades dos seus chefes são demasiadamente conhecidas e patentes.

Quarto, porque a base da educação politica d'um povo está no espirito de respeito aos representantes do poder, e quando ha a liberdade completa de discutir as instituições e o exercicio das funções publicas dos mesmos representantes, nada auctorisa a pateada directa e pessoal. Critiquem e censurem o chefe do estado no exercicio do seu cargo, e não o censurem ás occultas que é indigno. Mas d'ahi até descer ás ruas a cuspi-lo vae um abysmo que não pôde transpôr quem tem cavalheirismo. Convençam a maioria d'esse falso exercicio e ella que lhe passe então os passaportes. Assim como em nome das necessidades sociaes não admitimos falsos sentimentalismos, encobertos com o titulo de brandura de costumes, que em taes casos são apenas decadencia, ignorancia ou fraqueza, assim não aceitamos a bestialidade d'uma educação villã. A linha rija da elevação moral, que nem transige com o ridiculo humanitarismo, nem com as demagogias insensatas, eis o lemma das consciencias que se prezam.

Por conseguinte, muito bem andou a cidade de Aveiro na sua attitude pacifica, mas profundamente fria perante as magestades. Não se pôde negar este facto, que resalta de todas as communicações dos correspondentes para os jornaes que aqui representavam. Aveiro foi profundamente indifferente á bachanal granjola, indifferença notada por todo o paiz, porque emquanto os reporters transmittiam aos jornaes aclamações e enthusiasmos das varias terras do norte á passagem da familia real, quasi que nem falaram em vivas ao descreverem a recepção das magestades em Aveiro. Se não fora o Francisquinho, meia duzia de parvos da companhia dos bombeiros e os estudantes de Coimbra, nem um viva se ergueria na cidade.

Mas ainda bem que se ergueram. Ainda bem! A nossa maior satisfação é essa. Foi o malucozinho das noticias com meia duzia de garotos e os vadios de Coimbra, que aclamaram as magestades. E dicto isto, parece-nos que fica dicto tudo.

Notem bem. Foi o Francisquinho das Noticias e... foram os estudantes de Coimbra!

Deus te ponha a alma no céu, Francisquinho, que, d'esta vez, só por ti valeste tudo. Eras tu e a companhia dos bombeiros. Dois enyngmas! Até que emfim... descobriu-se para o que serviam!

E digam lá que não se ganhou com a vinda do rei a Aveiro.

O *Seculo*, de domingo, publicando umas noticias do seu correspondente em Aveiro, escrevia o que se segue:

«Circularou hoje profusamente um pamphletto revolucionario. Alguns foram affixados na propria residencia do rei.»

Ora ahí tem a procedencia do reles papelucho. Elles enjorcaram-no e elle affixou-o na... propria residencia do rei. De resto, pela covardia e pelo anonymo já eram conhecidos os dedos dos auctores.

## QUESTÕES MILITARES

Desde a mais romota antiguidade que a infantaria se conserva a mais brilhante das armas de combate e o mais poderoso esteio da autonomia e independencia dos povos. E' por meio das suas heroicas phalanges que a Grecia mantem em actividade constante aquelle fogo sagrado de civilização que deslumbrou o mundo, derrotando em successivas batalhas a cavallaria insolente e altiva dos povos orientaes. Que importava a falta de cavallaria grega, de que valia a poderosa cavallaria dos barbaros, se, já n'aquelle tempo em que as armas de fogo estavam longe da enorme revolução que trouxeram á tactica moderna collocando a cavallaria na situação subalterna em que a vemos, porque nem ainda existiam, a famosa infantaria da grande nação supprida com decidida vantagem a deficiencia interna e o poderio externo dos outros meios de combate? A retirada dos dez mil, alem das outras façanhas que lançaram á posteridade o nome das phalanges coberto de gloria, attestou evidente como um pequeno numero de homens apê podia atravessar em centenas de leguas o paiz inimigo sem serem incommodados por uma cavallaria numerosa e forte.

A infantaria, eis a grande força d'esse enorme luzeiro da arte, da litteratura, da democracia, da mais alta civilização, emfim, que tem dominado a terra!

Cahe um povo e surge outro. A' derrocada d'uma civilização, outra civilização se levanta não menos afamada e celebre. E assim como a phalange fora a vitalidade dos gregos, assim a legião, tambem immorredoura na historia, vae dar aos romanos a conquista do mundo, o dominio da terra.

A infantaria sempre subjugando, no grande embate das massas, que era a especialidade e a missão unica da cavallaria do tempo. Tirassem o choque bruto á cavallaria e a cavallaria não valeria cousa nenhuma. Como de resto não vale hoje muito. A carga era o seu elemento de peso. Se a carga se torna impossivel, cantem-lhe os louvores que quizerem nos serviços d'exploração, de retirar e avançar, que a cavallaria, se fica util como sempre dissemos, nem por isso a sua situação ao pé da infantaria e da artilheria, deixa de ser d'um va-

lor incomparavelmente menor e de uma importancia verdadeiramente somenos. Em que pese ás fumaças do fanfarrão do *Diario Popular*!

A phalange, a legião! Dois elementos de combate sem rival na historia das grandes campanhas antigas. E se olharmos para o lado, veremos ainda os judeus conquistando a terra da promessa quasi sem cavallaria. O que fez dizer ao excellentes escriptor militar, mr. de Chauvelin: «E' assim que a historia nos mostra, desde os tempos mais remotos, povos selvagens ou pouco civilizados apresentando massas enormes e confusas de cavallaria, enquanto os povos mais civilizados e mais instruidos em arte militar lhes oppoem corpos d'infanteria relativamente bem armados e bem organizados. As guerras e a historia antiga são por assim dizer todas baseadas sobre esse facto.»

E tão verdadeiro é isto, que a decadencia da Grecia e a decadencia de Roma começam com a decadencia da sua infantaria illustre. «A' medida, accrescenta o sr. Chauvelin, que esta arma (a infantaria) perde na sua importancia numerica e na sua qualidade, á medida que a cavallaria progride em seu prejuizo, vae-se enfraquecendo o poder dos romanos: parece que a decadencia das legiões arrastou a decadencia do imperio. Emquanto durou a preponderancia d'esses dois grandes povos (os gregos e os romanos), e durante as epochas brilhantes da sua historia, a infantaria era a base dos seus exercitos, e a rainha—pôde-se dizer incontestada—dos campos de batalha.»

«E' certo, continua o mesmo escriptor, que ficou um pouco eclipsada na idade media; mas já dissemos o motivo porquê. Porque se não oppunha aos cavalleiros senão uma infantaria ligeira, quando era preciso tê-la sólida, bem organizada, pesadamente armada e compacta para sustentar uma carga, solidez que não existia por lhe ser contrario o espirito da epocha e sobretudo a organização politica. E' só no seculo XV que a vemos reaparecer com os piqueiros suissos, que fazem frente á cavallaria borgonheza com vantagem decidida, adquirindo uma reputação merecida que sabem engrandecer em todos os campos de batalha da Europa, provando manifestamente o que valia contra a cavallaria uma boa infantaria armada de simples piques.»

Emquanto o armamento completo do homem d'armas representou para o soldado uma pequena fortuna, só o cavalleiro o podia possuir, porque só elle era rico e o infante conservou-se n'um estado d'inferioridade incontestavel, por isso que as milicias, que representavam a infantaria da epocha, não podiam oppôr a semelhantes campeões, que alem de tudo tinham tempo para os exercicios militares nos intervallos da guerra, inteiramente cobertos de ferro, senão homens quasi nus, mal servidos d'armas offensivas e a maior parte das vezes não as

sabendo empregar. D'onde se pôde concluir que a inferioridade da infantaria na idade media era devida ao valor militar individual, que as instituições e os costumes asseguravam aos cavalleiros. Não obstante, nem por isso esses homens, que tratavam tão desdenhosamente os villões, deixavam de abandonar os cavallos para combater a pé (1) em momentos criticos. Pelo menos era o costume dos cavalleiros inglezes, e por os francezes o não seguirem tanto é que a Inglaterra obteve as suas victorias sobre nós na guerra dos cem annos.

Logo, porém, que os piqueiros, souberam empregar racionalmente a sua arma, os cavalleiros, decahiram. Foi o pique, que Montécuculli chamava a rainha das armas, e não as armas de fogo portateis, como muita gente erradamente pensa, que ergueu e honrou a infantaria. Os primeiros arcabuzes, de fogo incerto, exerceram uma influencia nulla nas batalhas.»

Ora aqui tem o tactico e o estrategico do *Diario Popular*, o tactico que leva a sua tactica até querer que os officiaes de cavallaria commandem soldados peões na guarda fiscal, sem duvida porque os officiaes da arma irmã não tem aptidões bastantes para os ensinar. aqui tem como a infantaria exerceu sempre um papel preponderante nas batalhas, como foi sempre a mais importante, a mais benemerita e a mais util das armas de combate. E se quer agora saber como é e porque é que os officiaes de cavallaria carecem de mais conhecimentos que os officiaes d'infanteria, ouça o resto que se segue:

«No campo de batalha a força da cavallaria reside toda n'um facto material e physico: a força de choque de que é dotada; a carga é a essencia da sua acção, a unica manifestação do seu poder propriamente combatente. A infantaria, pelo contrario, vê-se obrigada a tirar partido de todas as combinações do espirito humano para chegar a resistir ao choque, isto é, á força.»

Para a sua defeza ou para a aggressão, a infantaria mal dispõe d'um elemento material que é a força physica do homem; o seu poder depende quasi unicamente do emprego d'essa fraca força pela sciencia militar. D'aqui o papel facil da cavallaria, que não é de concepção embaraçada, e o papel difficil da infantaria, que depende d'elementos diversos e muito variaveis.»

Não ha que vêr; é mais um insignificante que se vae por agua abaixo, o sr. collaborador do *Diario Popular*!

Continuaremos no domingo, já que nos é impossivel concluir hoje. Ha de ficar demonstrada cabalmente a insignificancia do homem.

(1) Foi a esse systema que o nosso D. Nuno Alvares Pereira deveu a maior parte dos seus triumphos sobre os hespanhoes.

Continuemos, pois, já que o collega *Damião de Goes* em lugar de pôr ponto na conversa, como tinha prometido, preferiu dar-lhe corda para quinze dias mais.

Nós disseramos que tendo os chefes republicanos escripto e dicto por cem vezes que todas as reformas de liberdade e de progresso eram incompatíveis com a monarchia, viram escrever e dizer hoje o contrario, acceitarem as instituições que nos governam exactamente como o melhor meio de propaganda efficaz para o triumpho da causa republicana, era uma retratação pelintra que não abonava em cousa alguma nem a rectidão do seu character, nem a seriedade das suas convicções politicas, nem o seu tino dirigente. Que havia de responder a isto o nosso bom collega? «Se tambem escreveram que a monarchia era incompativel com todas as reformas de liberdade e de progresso, outro erro palmar commetteram, contra o qual protesta a historia de todos os povos e do nosso proprio paiz.»

Bem. Sequer ao menos concordamos em grande parte. Não rectifica a vil contradicção em que incorreram os heróicos catões do directorio. Mas que importa, se não ousa contestar a accusação violenta que lhe fizemos n'esse ponto e acceita o erro palmar dos figurões? *Erro palmar*, quer dizer tolos, ineptos, incapazes da missão nóbre em que foram investidos. Já o collega anteriormente pensara a mesma cousa, quando os censurára com rigor pela proposta jacinthacea. Tolos, ineptos, insignificantes. Eis a que chegou o directorio ainda para os seus mais queridos defensores! Valha-nos isso. Do mal o menos, seja dicto em boa consciencia.

Mas não. *Erro palmar*, só, não; replicamos nós. Erro e contradicção commette-os o collega, apesar da sua lucida intelligencia, escrevendo taes proposições, depois de nos ter dicto que—*reformas liberaes e reformas democraticas dentro da monarchia são uma burla d'especulador manhoso, um expediente para se ir vivendo fartamente á custa dos que trabalham.* Ora se reformas democraticas dentro da monarchia são uma burla d'especulador manhoso, as reformas democraticas são incompatíveis com a monarchia.

Isto parecia-nos claro e muito logico. Julgavamos que tinhamos respondido muito bem. O collega, porém, é que o não quiz da mesma fórma, porque nos replicou, como sempre,—que não, que não havia contradicções da sua parte, porque se era verdade ter affirmado o que dissera, tambem era verdade que lhe tinha acrescentado: «*Concede-as* (as reformas) a monarchia quando lhe augmentam a força, o prestigio, a lista civil; *opõe-se-lhes tenazmente, deturpa-as, illude-as*, quando lhe atacam as prerogativas, ou vão d'encontro aos seus interesses economicos.» Põe em italico as palavras que ali ficam no mesmo typo, como se n'ellas é que fosse o seu triumpho, e depois pergunta-nos altivo:—«Onde está aqui a contradicção, presado collega?»

Oh, senhor! onde está? Exactamente na rectificação que lhe quiz dar. É boa a pergunta! Se a monarchia *concede* as reformas democraticas quando lhe augmentam a força, o prestigio e a lista civil, mas se se lhes *opõe tenazmente, se as deturpa, se as illude*, quando lhe atacam as prerogativas, ou vão d'encontro aos seus interesses economicos, é evidentissimo que as mesmíssimas reformas são incompatíveis com a mesmíssima monarchia. Isto para quem define e comprehende a palavra *incompativel*, e ainda as palavras *deturpar* e *illudir* como todo o mundo as tem comprehendido até hoje. Ora agora se o collega, que já pôz de parte a carta constitucional e que não faz caso de dicionarios, fez alguma descoberta linguistica por on-

da se venha a saber e a provar que é verdade o contrario de tudo quanto na nossa lingua se tem crido até hoje, pôde ser que tenha carradas de razão. Mas nós é que continuaremos n'esta rebeldia sem quartel até que venha a publico a famosissima façanha.

Safa, collega, que nunca o dicto foi mais apropriado:—é peor a emenda que o soneto!

Continuemos. Tambem nós tinhamos escripto que o que dizia o *Damião de Goes* era o que os chefes acceitavam como justo e regularissimo. Responde o *Damião*: «O collega *Povo de Aveiro* faz mal em suppôr e affirmar, que o que nós dissémos é o que dizem ou pensam os chefes republicanos. Conhecemos, é certo, esses sujeitos; mas ha muitos mezes que a nenhum d'elles falamos ou escrevemos, á excepção de Theophilo Braga, com quem trocámos ha mais d'un anno breve correspondencia sobre assumpto absolutamente estranho á politica. Não temos por isso nem inspiração, nem procuração de nenhum d'elles para os defender.»

Bravo, illustre oppositor! Repelle a intimidade com os chefes, não é assim? Não podia deixar de ser, para quem é digno e intelligente como o collega. Mas não era precisa a declaração, porque nós não dissémos nem que o collega estivesse em contacto com os dirigentes do partido, nem que recebesse inspiração ou procuração para os defender. Façamos a justiça de nos julgar incapaz de fazermos tal ideia a seu respeito. Os chefes podiam pensar e dizer o que pensa e diz o *Damião de Goes*, como pensam, facto importante para o publico que nos lê, sem que por isso o *Damião de Goes* fosse órgão dos citados figurões.

Foi isso que escrevemos e que o escrevemos muito bem, di-lo o proprio *Damião* duas duzias de linhas adiante. Querem vêr? «No-te desde já o collega que nós estamos apresentando, não as nossas proprias opiniões, mas as d'aquelles que pensam ser possivel dentro da monarchia, e dado o estado actual da nossa sociedade, criar-se um partido radical, a que sirva de reforço o republicano.»

Onde se prova que, se não fosse a reconhecida seriedade do collega, poderíamos concluir perfeitamente que anda a mangar connosco e com o publico. Sim, vir-nos dizer que fazemos mal em suppôr e affirmar que o que diz o *Damião* é o que pensam os chefes e lego adiante chamar-nos a atenção para o facto de não estar apresentando as suas opiniões, mas as opiniões dos mesmos chefes, seria esquisito n'outro adversario que não se conhecesse. Assim, tudo se explica pelo ardo da peleja!

Mais. O *Damião de Goes* zanga-se um pouco connosco por termos dicto que comparou o rei a um pae, digno de beijarmos e de respeito. Não dissemos senão isto, o bastante para que o *Damião* desatasse a pedir-nos lealdade.

Como, collega? Em que faltamos nós á lealdade? Valha-nos Deus, que estamos nos casos anteriores. Pois o collega não disse:—«Lá o beijar a mão, o dobrar a espinha, etc., é aviltante ou não, conforme as cousas n'este mundo se encaram?» Não disse isso? E depois não continuou: «Se o rei, em vez do homem, representa no throno a suprema expressão da vontade nacional que tem de condemnaveis as manifestações de respeito? São ridiculas, são grutescas? Será ridiculo e grutesco beijar a mão a um pae? Dirão uns que sim, dirão outros que não—com eguaes razões, e a questão fica pendente, até que caia por si.»

Pois a comparação não é clara, collega? O collega já tem dicto tanta cousa, que é tambem capaz de affirmar que lealdade é cada um inventar o que lhe apraz e não ligar-se a factos reaes e verdadeiros. Pelo menos, connosco

dá-o bem a entender chamando-nos desleal por lhe termos á risca seguido o que lhe ouvimos!

Por fim, devaneia o collega sobre meia duzia d'ideias falsas, que já lhe destruímos, e declara passar á offensiva censurando-nos por atacarmos os chefes em publico em lugar de os atacarmos no congresso. Só lhe faltava essa para as muitas que o collocaram no pessimo terreno em que está. Porque depois de tanta contradicção e heresia, repisar a falsa e desgraçada opinião de que a verdade não se diz, de que a verdade faz mal, de que o partido republicano é um partido secreto, que não pôde discutir na praça publica os seus actos, como discutiram sempre todos os partidos dignos da liberdade e da democracia, é realmente um absurdo e um tristissimo principio que o não honram em cousa alguma.

O que lucra o partido republicano com o descrédito dos seus chefes, pergunta o *Damião de Goes*? Não lucra cousa alguma. Perde tudo. E porque perde, é que nós estamos aqui sem trengas nem descanso a tentar abrir os olhos a essa pobre massa, que nem repara na perda nem repara no descrédito. Não somos nós, cem vezes o temos repetido, que os desacreditámos. Sejam elles dignos, sejam elles habéis, sejam elles sinceros e convictos, que as nossas palavras, se são calumniosas, cahirão pelo ridiculo. E se não cahem, e se calam na opinião publica, e s'esmagam, é porque são profundamente verdadeiras e honradas. E então quem deve ter pejos e remorsos não somos nós, e antes nos devemos orgulhar da conducta que seguimos, mas aquelles que sustentam por desgraça essa ignominia viva da democracia portugueza.

Querem que mudemos o campo de combate da tribuna da imprensa para a tribuna d'assembleia publica? Pois sim; convoque quem um congresso, patente a todo o mundo, aberto a todas as consciencias e lá iremos fulminar a corja que nos acorrentou ao destino maculado que nos leva para o abysmo. Só então nós saberemos onde está o suffragio do partido. Só então nós saberemos se esse infame directorio que ali está representa a vontade do partido republicano portuguez, ou a vontade da ralé do sr. Magalhães Lima, do sr. Consiglieri Pedroso e do sr. José Elias.

Familia? Fala-nos em familia o *Damião de Goes*? Qual familia? A familia dos conventiculos, a familia dos idolos, a familia dos reles coteries que obedecem ao manejo de meia duzia d'insignificantes? Continua trocando connosco o *Damião de Goes*. A familia democratica sim. E a familia democratica são todas as consciencias impollutas, são todas as almas puras, que se não concentram em meia duzia de clubs, mas que mourejam em todos os cantos do paiz. Que venha para essas a redepção, a luz, a ideia. A ideia sem subterfugios e sem segredos, clara, limpida, patente, como a fizeram os grandes trabalhos da civilização humana.

E a essa familia, então, nós entregaremos a penna, os pulsos e a cabeça, se a cabeça e os pulsos nos quizerem.

## ANTONIO MOURÃO

### Do Combate:

«Veio triste, envergando crepes, o nosso valente collega *O Povo de Aveiro*; veio triste e razão bastante tinha para vir de luto!

Morreu Antonio Augusto Mourão!

É natural o facto visto que na natureza tudo é finito excepto a propria natureza.

Mas se é natural o facto de ter desaparecido d'entre nós um

ente qualquer, não é trivial o merito do ente que nos deixou, e é ao merito que, acompanhando os nossos illustres collegas do *Povo de Aveiro* nós vimos prestar homenagem. Antonio Mourão era digno da sincera manifestação de pesar que lhe fazem os seus amigos, assim como tem juz a que todos os republicanos, dignos de tal nome, venham, ante a sua mal fechada campa, pagar o tributo de consideração e respeito devido á memoria do cidadão benemerito, do honesto trabalhador, do convicto e leal correligionario.

Nós pagamos a nossa divida com a consciencia de que prestamos homenagem á memoria de uma grande alma que desapareceu, d'um character honrado que se sumiu, d'uma luz brilhante que para sempre se apagou.

Tavira, 27—10—87.

Roque Féria.»

### Da Officina:

«O nosso energico collega do *Povo de Aveiro* veste luto pelo fallecimento de Antonio Augusto Mourão, um dos fundadores d'aquelle periodico e fervoroso propagador das ideias democraticas.

Associamo-nos profundamente á manifestação funebre que a redacção e administração do *Povo* presta áquelle valoroso companheiro, e por isso lhes enviamos o nosso cartão de pezames.»

### Da Voz do Operario:

«O *Povo de Aveiro* de domingo 23 do corrente vem tarjado de preto por fallecimento do sr. Antonio Augusto Mourão, um dos fundadores d'aquelle jornal.

Enviamos os nossos pezames á redacção e administração do *Povo de Aveiro*.»

### Do Districto de Vizeu:

«O *Povo de Aveiro*, de domingo, veste luto pelo fallecimento do sr. Antonio Augusto Mourão, fundador d'aquelle illustrado jornal.

Sentimos o fatal successo e acompanhamos o collega no seu pezar.»

## CARTA DE LISBOA

4 de novembro.

Chegou a Lisboa o rei do norte. O *Seculo*, porém, ainda não annunciou a chegada do rei do sul.

O grande democrata, quer dizer, sua magestade el-rei Jacintho, regente na impossibilidade do seu filho bem amado o sr. D. Sebastião, continua, pois, subindo ao capitolio. Eis o segundo telegramma, que não publiquei no numero passado:

«Iluminação esplendida, como se esperava; balões lançados ao espaço, flanqueados por innumeros foguetes, lá vão attestar bem longe o jubilo e folguedo d'este povo, radiante pelo julgado. As phylarmonicas de Melides e Grandolense abrilhantaram as festas com o seu variado repertorio. A musica da opera Martha foi rigorosamente executada, alcançando ovações estrepitosas. Neves, director tecnico da decoração soberba da praça e rua Jacintho Nunes, é cumprimentado por todos. A multidão cresce, as ruas regorgitam de povo, em cujas phisionomias se manifesta a mais viva satisfação.

A pobreza não foi esquecida: a philanthropica commissão promotora dos festejos fez larga distribuição de viveres. A noite termina a festa da dupla inauguração com fogo d'artificio, repetindo-se a scintillante iluminação. Festa digna de Grandola, que entusiasticamente celebra um melhoramento a que tinha direito e a quem o governo fez justiça.»

Hurrah por D. Jacintho, que sequer ao menos conseguiu ter

telegrammas como D. Luiz não apanhou!

Indecente e vergonhoso que tudo isto é. A desmoralização vaefunda, e quando chega a este ponto são mui difficéis d'encontrar os cauterios efficazes. Não faltemos dos monarchicos, que d'ahi sabe-se tudo. Reparemos nos puritanos de hontem, nos Messias, nos porta estandartes da revolução e córemos da degradação a que chegámos. E tudo quanto ha de mais abjecto e de mais tórpe.

Hontem o sr. Ernesto Loureiro, o farricóco gritador do *Seculo*, erguido n'um instante de modesto e ignorado 2.º official do ministerio da fazenda a 1.º official, *sem concurso*, e logo a chefe do gabinete do ministro. Foram os seus meritos que lhe obtiveram tal felicidade? Não; havia meritos maiores que ficaram preteridos. Foi a sua dedicação á politica granjola? Se o farricóco era redactor do *Seculo*! Não; foi exactamente esta última qualidade, a de collaborador d'um jornal d'aquella ordem, que levou o sr. Marianno de Carvalho a preterir amigos, a esquecer serviços, a abandonar considerações de justiça e de merito para guindar um empregado, que só tinha a distincção de ser republicano, ás cumiadas do funcionalismo.

Hontem era ainda o grande artista, o sublime democrata, o sr. Bordallo Pinheiro, chamado á graça dynastica a troco d'uma larga protecção á fabrica das Caldas. E o sublime democrata das satyras picantes ao anjo da caridade, por caridade da sr.ª D. Maria Pia director artistico, com larga percentagem de lucros, da fabrica das Caldas, erguia brindes entusiasticos á rainha de Portugal. A gratidão é linda. E o sr. Bordallo era grato!...

Hontem isso; hoje, o martyr da Madeira abiscoita o lugar de guarda livros na commissão das fabricas com mais de um conto de réis por anno, porque, coitado, á força de martyrio tinha ficado sem calções, e Grandola arrebenta d'entusiasmos pelo seu heroe, o seu campeão, o seu benemerito protector, porque este, qual ministro d'estado ou grande triumpho progressista, a dotou com um julgado municipal. E tudo saucionado, applaudido e aprovado por isso que se diz—partido republicano portuguez! Vergonha das vergonhas.

O velho systema dos constitucionaes. Compram-nos feitos, á maneira das casas, que sahem mais baratos que fazê-los! O sr. Marianno e mais collegas são bons discipulos do Rodrigo.

Continuam accesas as luctas entre o sr. Manuel d'Arriaga e os seus ex-camaradas de chefatura. Estes bem tentam, por interpretes, está claro, que directamente não lhe falamos, leva-lo ao bom caminho. Mas como o sr. Arriaga persiste em não querer vêr o fino tacto politico dos outros e as conveniencias do partido, cerram os punhos para elle e arrastam-n'o pelas ruas d'amargura. O rei torto, principalmente, o que tem a côrte para as bandadas lá de Grandola, é um damnado contra o sr. Arriaga. Que é um tolo; que é um vaidoso insupportavel; que é um ridiculo; que é mais feio e mais baixo que o diabo do inferno. Uma campanha violenta, repercutida por aquella fantochada de carneiros que seguem os illustres chefes do partido.

O caso não é para menos, digámo-lo com franqueza. No partido ha muito descontente e muito adversario implacavel ao corpo dirigente. O que faltava a esses elementos dispersos era um homem de prestigio para abrir a batalha decisiva. Ora o sr. Arriaga reúne essas condições. Tem popularidade, tem sympathias, é vulto creado no partido republicano e tem o valor eleitoral que lhe dão as ilhas. Os chefes sabem-no e d'ahi a atrapalhação que os tem accommettido, a ponto de pensarem em convocar o congresso

se para o Porto, onde suppõem que não serão tão perseguidos pelos seus adversarios. D'ahi tambem a volta face que estão fazendo no triste negocio barjonaceo, já porque o sr. Barjona os lá não quer sem o resto do partido e ficou muito frio com elles desde a ultima votação do congresso, apesar de não ter ainda perdido as esperanças n'uma reconsideração por parte d'estes, já porque os proprios chefes que sabem isso, isto é, que o sr. Barjona os não quer lá sósinhos, e que começam a ver que a maioria do partido se levanta contra elles, não desejam ficar desarmados. E então, não só tornam outra vez, por causa das duvidas, a mandar lançar a nota da intransigencia no *Seculo* e na *Folha do Povo*, como já desdenham da esquerda dynastica e troçam da ingenuidade do sr. Jacintho Nunes.

Uns miseraveisitos! Uns maltrapilhos sem seriedade, sem caracter.

O *Seculo*, que toda a gente sabe ter defendido a aliança barjonacea, o *Seculo*, cujos redactores quebraram lanças no congresso pela proposta jacinthacea, zombaba hoje e achincalhava o programma que o sr. Barjona expoz no Porto. Julga com aquillo illudir o publico. Não illude nada, a não ser meia duzia de basbaques. A gente séria e a gente intelligente, essa ainda poderia em parte respeitá-lo; se o visse tenazmente defendendo o principio que defendeu um dia. Assim, foje com tedio de tanta falta de convicções. Tem nojo d'uma politica de tal ordem. E eis porque o partido republicano cada vez se desacredita mais.

O que faz o *Seculo* é o que faz a *Folha do Povo*, está claro, que se não é peor do que o outro tambem não é melhor, e é o que faz toda esta sucia de tratantes que por ahí vivem agarrados ao diretorio.

Uma verdadeira indecencia. —Ardeu a noite passada em Sacavem uma fabrica de moagem. Calculam-se os prejuizos em 200 contos.

Y.

## CARTA DA BAIARRADA

Novembro, 4

Estamos em pleno inverno.

A chuva tardou, mas afinal veio em tão grande quantidade, e acompanhada de tão desabridas ventanias, que deve ter causado bastantes destroços nas cidades e nos campos. Felizmente não temos noticia de que na Bairrada se hajam dado acontecimentos desastrosos com o desencadeamento da tempestade d'estes primeiros dias de novembro. O que é certo, é que as nascentes já tiveram uma provisão razoavel de aguas e os campos, até aqui ressequidos, estão hoje reverdecendo com a abundante rega que levaram.

Os serviços nas vinhas tiveram de ser interrompidos esta semana.

A poda nos vinhedos da Bairrada está bastante adiantada. D'aqui em diante escacearão algum tanto os braços, porque tem sahido para o Alemtejo numerosos grupos de trabalhadores ruraes que procuram o serviço d'aquella provincia n'esta época do inverno, em que esmorece sempre a faina agricola na Bairrada. Demais a mais este anno não se falla em bacelladas, ninguem projecta plantações, tal é o desanimio que domina a maior parte dos agricultores d'esta região. A phylloxera é já hoje uma triste realidade que invadiu os vinhedos de toda esta região.

Serão dentro em pouco tempo incalculaveis os prejuizos da invasão, se as camaras e os particulares não se convencerem de que só pelo emprego do sulfureto de carbonio e pelas submersões se poderá salvar uma parte da producção vinicola d'esta outra prospera localidade.

Na Malhala, onde ao principio houvera a mais condemnavel incredulidade, começa actualmente a accentuar-se uma corrente de reacção, tomando-se muito a peito, por parte de alguns proprietarios e da propria camara, o tratamento dos vinhedos affectados. Em Anadia tivemos ha tempos a promessa solemne d'um deposito de sulfureto por iniciativa da municipalidade, mas até agora parece que ficou tudo em palavras... Os brodios reaes distrahiram talvez os illustres vereadores.

Dir-se-ha que o tempo não vae proprio para o tratamento, mas por ventura não teremos ainda pelo inverno adiante esplendidos dias de sol para se poder lançar ás vinhas o sulfureto em boas condições de applicação e curativo?!

Ah! boa camara de Alemquer, que subsidiou por sua conta um agronomo, a quem confiou o serviço anti-phylloxerico do concelho, com amplos poderes para montar o pessoal e dirigir os trabalhos de tratamento em todas as vinhas cujos proprietarios quizessem atalhar o mal pelos processos até hoje aconselhados pelos haveres da sciencia. A camara de Alemquer não se ateve á iniciativa do poder central. Ella mesmo organisou o plano do ataque e fez ver aos municipes que queria ir na frente da honrosa cruzada, que se chama «a defeza das vinhas.»

Este exemplo era bem digno de ser imitado pela camara de Anadia.

## NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

Regressou no sabbado passado á capital, com sua ex.<sup>ma</sup> esposa, o nosso estimado patricio sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla, 1.º tenente da armada, que ha tempo se achava entre nós de visita.

Naufragou ante-hontem, ás 9 horas e 30 minutos da manhã, á entrada da barra de S. Martinho do Porto, o hiate *Dias Ferreira*, havendo perda total do barco e carga e morrendo toda a tripulação.

O navio pretendia entrar a barra, mas não podendo fazel-o por não ser chamado pelos pilotos, virou ao mar, sossobrando em seguida e indo parar aos baixos da Lobeira.

O *Dias Ferreira* era um barco lindissimo e tinha sido construido ainda ha pouco tempo no estaleiro de Villa Nova de Gaya. Era propriedade dos srs. João Simões Peixinho, Manuel da Rocha e Manuel Simões Chuva, sendo este ultimo o mestre do navio, que tambem succumbiu no desastre.

A tripulação do hiate era toda de Ihavo. Só d'uma casa succumbiram tres pessoas, cuja familia fica na maior miseria.

Que sorte a d'aquelles desgraçados e que enorme dôr a das suas familias!

Tanto o navio como a carga estavam seguros.

Recebemos a visita da *Gazeta de Portugal*, diario regenerador, de que é redactor principal o sr. Antonio de Serpa Pimentel. E' de grande formato.

Desejamos-lhe longa vida.

A livraria Cruz Continho, do Porto, acaba de publicar a 4.ª edição do Código Administrativo, aprovado por decreto de 17 de julho de 1886. Custa 300 réis.

Ao gerente da livraria agradecemos o exemplar que nos offerceu.

Chamamos a attenção para o respectivo annuncio.

Do sr. Elias Fernandes Pereira recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor do *Povo de Aveiro*.—Peço a fleza da publicação das linhas que abaixo seguem, e que n'esta data envio igualmente para os outros jornaes da localidade, pelo que ficará muito agradecido o

De v., etc.,

Elias Fernandes Pereira.

A camara municipal d'este concelho, em sua sessão de 4 d'agosto ultimo, por mim presidida, deliberou requerer acções de despejo contra quatro vendedoras de fructa, que, na praça d'este nome, occupam barracas do municipio, para dar ás mesmas barracas um outro destino. Mais deliberou então que as despezas a fazer com taes pleitos correriam, por inteiro, á conta da bolsa dos vereadores presentes a essa sessão.

Em seguida, e em sessão de 18 do dito mez, á qual eu não assisti por me achar licenciado pela mesma camara, deliberou ella, entre outras cousas, desistir das ditas acções de despejo, que portanto não chegaram ao seu termo natural.

Tendo em noticia de que fôra julgado por sentença a desistencia, pedi se mandassem os autos á conta, para en acabar de pagar as despezas (já tinha adiantado os preparos das acções), como com effeito paguei, tudo na importancia de 40\$225 réis (cartorios e procuradoria), em virtude de commissão verbal dos meus collegas em seguida á deliberação de 4 d'agosto. Já enviei a cada um dos que se haviam obrigado ao pagamento a nota authentica da sua quota parte.

Faço esta declaração publica por haver chegado ao meu conhecimento alguma cousa que poderia, pelo menos, deixar duvida sobre se a dita deliberação de 4 d'agosto, na parte relativa ao pagamento de despezas, foi cumprida como devia ser, e para que fique bem claro que pagou as sobreditas despezas judicias quem, só e exclusivamente, tinha obrigação de o fazer, isto é, eu, por minha conta e por conta dos vereadores presentes áquella sessão de 4 d'agosto. Consentir que outrem as pagasse, sobretudo se fosse o cofre do municipio, como aliás muitas pessoas acreditavam e acreditaram, seria faltar a um compromisso solemne, exarado n'um documento publico; não fazer esta declaração era deixar margem a equívocos, que, não pondo a verdade a descoberto, poderiam dar logar a interpretações pouco lisongeiras para mim e para os meus collegas.

Aveiro, 2 de novembro de 1887.

Elias Fernandes Pereira.

Estamos sob um perfeito inverno. Desde domingo que a chuva não tem cessado de cahir em abundancia. Apenas na sexta-feira o dia esteve um pouco melhor, mas já hontem recommençou outra vez o mau tempo. Só por grande necessidade se pôde sahir á rua.

As noutes apresentam-se escurissimas, feias, noutes de verdadeiro inverno.

O hiate *S. José 1.º*, com carregamento de sal, naufragou na terça-feira nas proximidades de Espozende, sendo salva a tripulação.

O navio estava seguro e pertencia ao sr. José Pereira Junior.

No largo do Cojo foi ante-hontem atropellado por um carro de bois um rapazito que alli se entretinha em companhia d'outros. Por uma verdadeira felicidade não ficou esmagado.

Parece que o desastre foi devido á negligencia do carreiro, porque em lugar de vir na frente do gado, seguia atraz do carro.

Se ha a censurar o desmazello com que os paes deixam an-

dar as creanças pela rua, muito maior censura cabe á policia pela pessima maneira como está fazendo o serviço. Não é raro ver por ahí os carros ao abandono, sem que ella se importe com isso.

A policia anda de mal para peor, e cada vez se está desautorisando mais na opinião publica. E' uma instituição quasi morta, a despeito dos sacrificios que o districto faz para a sustentar.

Entrou no 2.º anno de publicação o nosso collega *Correio de Aveiro*.

Tambem completou ha dias o 9.º anno de existencia o *Districto de Vizeu*.

Damos os parabens aos collegas.

O broche de prata da capa magna, que vae ser offerecido pelas senhoras de Sevilha ao papa Leão XIII por occasião do seu jubileu, tem nada menos de 580 pedras preciosas.

E' formado por quatro semicirculos de brilhantes unidos entre si, tendo no centro uma esmeralda, rodeando tudo o monogramma de Leão XIII engastado em diamantes de rosas de Hollanda.

A tiara de ouro com as tres corôas de prata é adornada de diamantes-rosas e de esmeraldas, d'onde pendem as cintas cobertas de pedraria. Em cima, debaixo da cruz, está uma perola.

As chaves são de brilhantes, apparecendo na parte superior as guardas e no inferior o anel. Cada uma tem no centro um grosso brilhante e termina de cada lado com uma perola.

A parte inferior do broche é occupada por uma magnifica esmeralda com quatro brilhantes, acompanhada de graciosos debuxos gothicos.

Dos lados do centro partem dois arcos ogivais cobertos de brilhantes, e o mesmo succede aos adornos interiores onde estão duas grossas perolas.

E todavia ha em Sevilha centenares de indigentes aos quaes essas senhoras darão um secco não quando lhes pedem uma esmola.

São sentimentos catholicos!

N'um interessante artigo ha pouco publicado refere-se o sr. visconde de Villar de Allen a uma importante applicação que na China tem a *Saxifraga sarmetosa*, hoje muito conhecida entre nós, existindo em quasi todos os jardins. E' empregada para cura da surdez e os seus effeitos tem sido efficazes em alguns casos.

E' simples o modo de applicar o remedio. Pizam-se n'um almofariz as folhas e sarmentos e o succo assim extrahido introduz-se no ouvido. Não deve ser diluido em agua.

Em conclusão, diz o sr. visconde de Villar de Allen poder afirmar que um seu velho amigo que soffria ha algum tempo de surdez, a curára com uma unica applicação do succo da *Saxifraga*. Este cavalheiro, que antes do emprego do succo da planta, não conseguia ouvir um *tic-tac* d'um relógio, tinha a audição no estado normal vinte e quatro horas depois da applicação do remedio.

O sr. visconde de Villar de Allen offerrece gratuitamente a planta a quem, por infelicidade, precisar das suas applicações.

A camara municipal de Penafiel abriu concursos para o provimento das escolas elementares do sexo masculino nas freguezias da Eja, S. Mamede e Rio de Moinhos, e do sexo feminino nas freguezias de Santo Estevão e Gallegos; ordenado de cada uma réis 100\$000.

Perante a camara municipal da Povoia de Varzim tambem está aberto concurso para o provimento da escola elementar do sexo feminino na séde do concelho; ordenado 120\$000 réis.

A camara do Sabugal tambem abriu concurso para o provimento da cadeira de ensino primario do sexo masculino da freguezia de Quadrazes, com o ordenado de 100\$000 réis.

O commandante de bombeiros de Berlin, sr. Stude, acaba de inventar um novo capacete para bombeiros, que apresenta consideraveis vantagens.

O novo capacete envolve toda a cabeça de quem o traz, mas deixa livres as orelhas e tem perto da bocca uma abertura sufficientemente grande, para permitir que a voz se escape nitida e clara.

Uma corrente d'ar fresco, que auxilia a permanencia nos logares onde haja fumo, penetra no capacete pelo lado posterior por meio d'um tubo de caoutchouc alimentado por uma bomba; esta corrente passa em torno da cabeça e sahe pela abertura praticada no logar da bocca com uma força tal que impede a entrada do fumo.

Uma experiencia ultimamente feita em Berlin demonstrou a excellencia do apparelho.

N'uma das lojas do posto central dos bombeiros aticaram durante cinco horas um fogo tal que os locaes se tinham tornado completamente impenetraveis pela intensidade do fumo. No entanto os officiaes e simples bombeiros munidos do capacete conseguiram lá penetrar e demorarem-se bastante tempo.

Ouviam-se perfeitamente as ordens dadas do exterior, e eram igualmente correspondidas.

A cidade de Brème já adoptou este capacete.

São curiosissimos os seguintes calculos a respeito do coração humano:

Cada movimento do coração humano dura um segundo; por conseguinte dá 60 pancadas por minuto, 3:600 por hora e 86:400 por dia. A cada movimento do coração sahem do ventriculo esquerdo duas onças de sangue para entrar na grande arteria.

Ora como o coração bate 3:600 vezes por hora, sahem d'elle n'este espaço de tempo 7:200 onças de sangue. A quantidade de sangue contido no corpo humano não excede geralmente a mais de 24 libras. Por conseguinte todo o sangue passa pelo coração 25 vezes por hora, ou 600 vezes por dia.

A estatistica da população do Fayal, ultimamente organizada, demonstrou a existencia de 6:810 fogos e 21:501 individuos. Durante o anno de 1886 houve 705 nascimentos, 185 casamentos e 447 obitos.

Comparando estes numeros com os do anno de 1885, resultam para 1886 mais 61 fogos, 296 individuos, 16 nascimentos, 8 casamentos e menos 14 obitos.

## VENDA DE TERRENO

VENDE-SE a parte do terreno expropriado que pertenceu ao Hotel Cysne do Vouga, na rua da Alfandega.

Quem o pretender pôde dirigir-se a esta redacção, onde se darão esclarecimentos.

## CONTRA A DEBILIDADE

Recomendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco-Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

## BIBLIOGRAPHIA

**Historia da Revolução Portuguesa de 1820.**—Com a costumada regularidade, que muito recommenda os editores d'aquella obra, sahiu o fasciculo n.º 18, 7.º do volume II.

Chamamos a attenção para o respectivo annuncio.

**Historia de Victor Hugo.**  
— Sahiu o 29.º fasciculo d'esta obra, de Cristobal Letran, e traduzida por Teixeira Bastos.  
Veja-se o respectivo annuncio.

**A Martyr.** — E' um interessante romance editado pela empreza dos Serões Romanticos.  
Recebemos o fasciculo 43.  
Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26.

**A Illustração Portugueza.** — Recebemos o n.º 15 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continúa a ter a melhor acceitação da parte do publico.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

**O Mundo Elegante.** — Publicou-se o n.º 44 d'este magnifico jornal de modas, elegancia e bom tom, dedicado ás senhoras portuguezas e brazileiras.

## ANNUNCIOS

### Contra a tosse

**XAROPÉ PEITORAL DE JAMES**, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e aprovado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.  
Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.



### Vinho Nutritivo de Carne

**Privilegiado, auctorizado pelo governo, e aprovado pela junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro**

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellentissimo "juice" para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao "toast", para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

TYPOGRAPHIA  
DO  
**POVO DE AVEIRO**

Imprimem-se cartões de visita,  
avisos, participações de casamento  
e cartas de convite

PREÇOS CONVINDATIVOS

### JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM  
OFFICINA DE SERRALHERIA

EM  
— AVEIRO —

**FORNECE** ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

#### Agencia Economica, Maritima e Commercial

**Passagens nos vapores de todas as Companhias da carreira do Brazil (por preços baratos, sem competencia).**

Preços em 3.ª classe para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, incluindo passagem no caminho de ferro e condução para bordo a

### 28:000 RÉIS

Para o Pará e Manaus sahirá de Lisboa o paquete MANAUENSE, em 14 de setembro.

Para o Pará sahirá o paquete LANFRANC, em 26 de agosto.

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, em Aveiro, rua dos Mercadores, 49 a 23.

**Manuel José Soares dos Reis**



Na rua dos Mercadores, n.º 49 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfectos e preços barattimos.

#### Contra a debilidade

**FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO**, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

### ANGELO DA ROSA LIMA

COM  
OFFICINA E DEPOSITO DE MOVEIS

Aveiro, Rua dos Mercadores, n.ºs 42, 44, 46, 50 e 52

**T**EM grande sortido de moveis, taes como: commodas, meias commodas, cadeiras de diferentes feitios, mezas de gostos differentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.

Tem tambem espelhos de crystal em differentes tamanhos, assim como galerias, epatères e grande sortido de molduras de differentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competitor n'esta cidade.

### PUBLICAÇÕES

A EDIÇÃO MAIS COMPLETA E MAIS ECONOMICA DO  
**CODIGO ADMINISTRATIVO**

Approvedo por decreto de 17 de julho de 1886. Precedido do respectivo relatório e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmo Codigo, publicada até hoje, incluindo a lei das aposentagões e reformas dos empregados civis, a reorganisação do Tribunal de Contas, o bill de indemnidade, que altera algumas disposições do mesmo Codigo, a nova lei do recrutamento, a tabella dos emolumentos administrativos e um copioso repertorio alphabetico.

#### Quarta edição

Preço brochado, 300 réis; encadernado, 400 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

#### TABELLA DOS EMOLUMENTOS

A cobrar nas secretarias das corporações e tribunaes administrativos, approvada por carta de lei de 23 de agosto de 1887 e precedida do respectivo relatório.

Preço, 40 réis; pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á livraria CRUZ COUTINHO, edito á ra, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—porto.

### A MARTYR

POR  
EMILE RICHEBOURG

**Edição Illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos.**

VERSÃO DE  
JULIO DE MAGALHÃES

10 RÉIS CADA FOLHA, GRAVURA OU CHROMO. — 50 réis cada semana.— DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE.

A sorte pela loteria — 1000000 réis em 3 premios para o que receberão os srs. assignantes em tempo opportuno uma cautella com 5 numeros.

No fim da obra — Um bonito album com dois grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaria e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escriptorio da empreza editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.ª—Lisboa.

### CAMILLO CASTELLO BRANCO AGOSTINHO DE CEUTA

DRAMA HISTORICO EM 4 ACTOS

3.ª edição emendada

VENDE-SE na Livraria Cruz Coutinho, editora, — rua dos Caldeireiros — PORTO.

Preço, 240 réis

### Edição monumental

#### HISTORIA

## REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 18 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que merecen os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume. As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição.

A capa em separado custa 500 réis. Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

LOPES & C.ª successores de CLAVEL & C.ª

EDITORES

119, RUA DO ALMADA, 123 — PORTO

### PUBLICAÇÕES DEMOCRATICAS

**THEOPHILO BRAGA:** — Historia das Ideias Republicanas em Portugal, desde 1640 até hoje, 600 rs. Soluções Positivas da Política Portugueza, 3 vols., 620 rs. Curso de Historia da Litteratura Portugueza, 13500 rs. Miragens Seculares, poesia revolucionaria, 800, cart. para brinde de 12000 rs.

**TEIXEIRA BASTOS:** — Programma Federalista radical, 60 réis. A Marselheza, texto, traducção, musica e retracto, 200 rs. Comte e o Positivismo, 200 rs. Catholicismo republicano para uso do povo, 120 rs. Vibrações do Seculo, poesia revolucionaria, 600 rs.

**CARRILHO VIDEIRA:** — Liberdade de consciencia e o juramento catholico, 120 rs. A Questão social, as Bodas Reaes e o Congresso Republicano, 100 rs. Almanach Republicano para 1886, XII anno, 120 réis.

**PAULO ANGULO:** — Os assassinos de Prim e a politica em Hespanha, 300 rs.

**BIBLIOTHECA DAS IDEIAS MODERNAS:** — Obras de Drapper, Lubbah, Wurtz, Littré, Schmidt, Saylor, Moleschatt, etc, 1.ª serie cart. 700 rs., os 10 vols. em br. 500 rs., cada um 50 rs.

Muitas obras de propaganda scientifica e republicana, allegorias da republica e retractos dos grandes homens. Envia-se os catalogos a quem enviar a importancia do porte a Carrilho Videira, rua do Arsenal, n.º 96, livraria, Lisboa.

#### NOVA LEI

### DO RECRUTAMENTO

Approvada por carta de lei de 12 de setembro de 1887

Precedida do importantissimo parecer da camara dos srs. deputados

Preço, 60 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á livraria CRUZ COUTINHO, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

### NOITES ROMANTICAS

EMPREZA EDITORA  
F. N. Collares.



80 reis cada fasciculo de 32 paginas, ou 24 e uma estampa. Assigna-se em Aveiro, na rua dos Mercadores, 19.